

12.

História e Morfologia Urbana

A. Resenha Histórica

A forte componente histórica do Concelho de Valença, encontra-se registado na página da Câmara Municipal na Internet, através do esboço histórico, tradições e lendas que apresenta para cada uma das suas freguesias. O extracto relativo ao Esboço Histórico não pode deixar de ser incluído nos relatórios do Plano Director, pela contributo fundamental que representa, que passamos a transcrever para cada uma das dezasseis freguesias.

A.1. Arão

Arão, nome de raiz germânica, resultado da evolução do nome 'Ara', chamou-se também S. Salvador de Vilar de Lamas.

A freguesia aparece já identificada no séc. XII e a antiguidade comprova-se pela designação dos lugares: *Agrolento*, que vem do arcaico *Argo* e do adjectivo *lento*; Eirado virá de 'heerado', campo de heras; Arrequeixo, do arcaico 'Erequeixo', o que pode significar talvez terreno despejado de águas ou de pousio; Senra, presume-se que venha de prédio rústico; e Vilar de Lamas, composto de 'villar' (núcleo de povoamento ou fracção de 'villa rústica') e 'lama' (parece que deveria ser outro prédio medieval, 'alagadiço ou alagado') – este com alguma importância, por se tratar do seu nome antigo.

A.2. Boivão

A origem de Boivão está ligada à circunscrição administrativa do julgado medieval de Froião e à história e lenda do Castelo Natural. A obra "A Princesa de Boivão" de Alberto Pimentel imortalizou na literatura esta localidade, as suas gentes, história e vivências. O castelo natural atesta uma forte presença humana na época medieval tendo surgido bastante cerâmica e outros objectos.

A.3. Cerdal

Os primeiros povos conhecidos nesta região datam do Paleolítico Antigo.

A romanização deixou a ponte romana sobre o Rribeiro Mira, entre Passos e a Pedreira e alguns metros de uma calçada romana, em Passos. Esta via romana foi durante a Idade Média uma

importante via de comunicação. Por ela passavam pelo menos, na parte correspondente a Valença, os Caminhos de Santiago, por onde transitaram peregrinos ilustres, entre os quais alguns monarcas. Em meados do século XI, era Senhor de Alderete de Susão e Alderete de Jusão, em Cerdal, D. Guterre de Alderete, rico-homem galego, fundador da estirpe dos Silvas e Senhor da Torre de S. Julião da Silva.

Nas inquirições de 1258 Cerdal aparece como Santa Ovaia de Cerzal e incluída no couto e concelho de Valença. Embora em datas bem próximas, também no reinado de D. Afonso III (1248 / 1279) pertenceu ao Julgado e concelho de Froião.

Nos tempos dos reis D. Dinis e seu filho D. Afonso IV, existia a torre e solar dos Bacelares, propriedade de Martim Afonso Bacelar, morgado de Cubes e Bacelar.

A.4. Cristelo Côvo

O lugar de Ervelho foi paróquia sueva no século VI, sendo um dos marcos mais antigos desta localidade.

No século XIII esta paróquia pertencia ao couto de Valença, conforme as Inquirições de 1258. Situava-se onde hoje é a Coroada (zona intra-muros, num outeiro superior ao da antiga praça). Aqui se situa o antigo porto de Segadães, que aparece referenciado em documentos muito antigos e que era local de passagem para os peregrinos a Santiago de Compostela.

A.5. Fontoura

Freguesia pré-romana. No lugar de Grove, topónimo associado ao povo gróvio, apareceram vestígios arqueológicos (cerâmicas, cinzas e carvões), julgando-se que, pela sua localização e pela forma arredondada do monte, ali se registou ocupação castreja. Também a meio da subida para o monte de S. Gabriel, no sítio chamado Telhões, surgiram vestígios arqueológicos. Na época medieval floresceu pela sua localização junto à estrada romana e aos Caminhos de Santiago e aos seus terrenos férteis.

A casa paroquial é uma montra das antigas casas de lavoura do Minho de onde se destaca a escadaria do presbitério.

A.6. Friestas

Antigo ponto de passagem do Rio Minho, Friestas foi marco importante nas guerras da Restauração, bem como na resistência às tropas napoleónicas. Como ponto de referência dessas lutas, mantêm-se os Portões do Crasto, monumento do século XVIII que constituía a entrada para uma casa senhorial pertencente à família Pimenta de Castro. É considerado imóvel de interesse público. O portão é de grandes dimensões e ladeiam-no duas janelas; a encimá-la tem uma composição heráldica, sendo todo o conjunto rematado por ameias que se prolongam pelo muro. É o orgulho das gentes friestenses e a porta de entrada do lado Norte do Concelho.

Em 1933, um acontecimento curioso teve lugar na ínsua de Crasto. O famoso aviador americano Lindberg, ao tentar realizar a sua viagem de Genebra a Lisboa, viu-se obrigado a amarar no local, por falta de gasolina e devido às más condições atmosféricas, sendo prontamente socorrido pela população. O episódio contou, também, com a presença do cônsul americano em Vigo.

A sua origem é antiga e achados arqueológicos atestam uma forte presença humana na época romana.

A.7. Gandra

A história desta freguesia identifica-se já na pre-história, nas gravuras de Ozão.

Em 1125, D. Afonso Henriques doou a igreja e o seu couto à Sé de Tui e ao seu Bispo D. Afonso.

Nas Guerras da Restauração foi ponto de defesa no Forte do Tuído, edificado pelas tropas galegas, em 1661, na sua estratégia de assalto à praça de Valença. Num outro lugar - a Balagota - foi levantado um outro forte abaluartado de torreão, por ordem de D. Francisco de Sousa, sob orientação do engenheiro militar francês Michel de Lescolle. Por aqui passam dois importantes caminhos medievais, de peregrinação a Santiago. Um deles é coincidente com a estrada romana que ia de Braga a Astorga (Via IV do XIX Itinerário de Antonino); o outro atravessa a freguesia no sentido Este - Oeste, por onde vinham os peregrinos dos Arcos de Valdevez, que desciam o monte do Faro, passavam por Gandra no lugar da Portela e iam passar o rio no porto de Sagadães, em Cristêlo - Covo.

A.8. Ganfei

Marco importante na história da freguesia é o ano de 1082: nasce, no lugar de Tardinhade, S. Teotónio, o primeiro santo português. Cantado por Camões em 'Os Lusíadas' (Canto VIII, Estrofe XIX), foi canonizado em 1163 pelo papa Alexandre III. Homem de grande virtude, era muito

apreciado por todos, incluindo o Rei D. Afonso Henrique, de quem era confessor e conselheiro e que lhe guardava o maior respeito e veneração – sempre "lhe pedia a bênção e lhe beijava a mão de joelhos". O Concelho de Valença recorda este seu filho ilustre no dia 18 de Fevereiro, feriado municipal.

A freguesia está profundamente associada à vida e vivências do Convento Beditino.

Referência merece também a Capela de N.ª Sr.ª do Carmo, do século XVIII, em estilo barroco. Como também a Capela de N.ª Sr.ª do Faro do século XVIII, em estilo barroco, onde se destaca a imagem da Moura Convertida. No campo monumental merece destaque, ainda, a Capela de São Teotónio, do século XVII, no centro da freguesia, no local onde nasceu o santo.

A.9. Gondomil

A antiga freguesia de S. Cristóvão de Gondomil era da apresentação da Companhia de Jesus de Coimbra, e depois da Universidade, no couto de Sanfins.

Havia em Gondomil uma torre em 'foros sabidos', anexa à casa "D' Agra", que foi dos Abreus, de Regalados, e se desanexou por sucessão, passando para a casa de Sotto Maior. Primeiro tinha pertencido aos Condes de Crescente, marqueses de Tenório, na Galiza.

Merece especial referência a necrópole que há alguns anos foi encontrada e, com ela, alguns vasos e pedaços de madeira. Realce, ainda, para a igreja paroquial, que contém um belo altar-mor de estilo Renascença, para as capelas de Santo Estêvão, de Santa Rita e Santo António, bem como para três característicos cruzeiros e, finalmente, para uma ponte medieval.

A.10. Sanfins

O nome Sanfins deriva, segundo se crê, do nome do seu padroeiro – S. Félix.

No século VI, segundo consta, por ordem de S. Rosendo, foi erigido o convento de Sanfins. Em 1134, D. Afonso Henriques coutou estas terras e ofertou-as aos abades do convento.

Nas Inquirições de 1258, os moradores de Sanfins não eram obrigados a ir à guerra, a não ser que o rei estivesse lá em pessoa, mas tinham a seu exclusivo cargo a defesa do Vau de Carrexil. Em 1545, D. João III doou o couto e o mosteiro à companhia de Jesus, para fundarem o seu colégio, em Coimbra, tendo o Papa Paulo III confirmado esta doação em 1548, compreendendo as actuais freguesias de Boivão, Gondomil, Friestas, Sanfins e Verdoejo.

Do séc. XII - XIII sobrevive a Cruz Processional com várias representações de figuras humanas e de animais. Em Sanfins sobrevivem, ainda, as relíquias da cabeça de São Félix, mandada para o Convento por D. João III. A 1 de Agosto a cabeça è dada a beijar e segundo a crença é remédio contra vários males.

A.11. São Julião

É Paróquia instituída já no século XII e fazia parte do julgado medieval de Froião, conforme atestam as Inquirições de 1258. No século XIV, o galego D. Guterre Aldrete da Silva, progenitor da linha dinástica dos Silva foi fundador da casa-solar da família.

A Casa da Torre da Silva ou Casa-Solar dos Silvas é, uma torre quadrangular de defesa. Conserva o carácter medieval, não obstante as transformações sofridas ao longo dos séculos. Sendo das mais antigas torres senhoriais do país, teve aproveitamento doméstico e corpo residencial anexo, de que restam vestígios. Possui uma interessante escadaria exterior encostada a uma das faces.

Além da Torre da Silva, merecem ainda referência as casas senhoriais de Quintela (em tempos propriedade do capitão-mor Gonçalo Teixeira Coelho, também administrador da Ermida do Espírito Santo) e do Barral, hoje convenientemente restauradas.

A.12. São Pedro da Torre

As Inquirições de 1258 referem-se já a esta freguesia como sendo parte da Sé de Tui, após a rainha Dona Teresa ter outorgado, em 1125, ao bispo de Tui, parte da ‘ suas rendas para que fosse mantida uma barca no rio e todos ali passassem, por amor de Deus, sem preço ’. Foi abadia, do termo de Valença, do padroado real, mas da apresentação dos marqueses de Vila Real, pelo que, em 1641, passou para a Casa do Infantado.

Por aqui passava a estrada real romana per loca marítima. Duas magníficas pontes de feição romana – uma no lugar da Ponte, muito adulterada, e outra na veiga da Mira, confrontando com Cristêlo Côvo. Em Chamosinhos foi encontrada, na direcção de V. N. Cerveira, um marco miliário dedicado ao filho de Constantini Maximi, é um testemunho de valor indesmentível para assegurar a sua passagem. A Ponte da Veiga da Mira, com tabuleiro em cavalete, é um ponto de elevado interesse.

S. Pedro da Torre foi, também, um local estratégico ao tempo das guerras da Restauração, aqui tendo os Espanhóis edificado um forte, em 1657, de que existem ainda vestígios. Tinha 25 mil metros quadrados com muros de torrão, cinco baluartes e falsas bragas e um fosso de três metros de fundo.

Possui grande relação com o rio Minho e até 1916 possui-a uma barca de passagem e era porto de ancoradouro do vapor que fazia a carreira do Minho.

A.13. Silva

No decorrer do século XII era já uma paróquia pertencente ao julgado de Froião e que existiam também alguns reguengos, embora parte das terras pertencessem a fidalgos. Atendendo, contudo, ao topónimo Madorra, imediatamente se pode concluir por uma ocupação muito anterior ao século XII: a feição castreja deste nome é evidente. Segundo as Inquirições de 1258, a Coroa não tinha o padroado da igreja Santa Maria, a qual era pertencia aos monges cistercienses do mosteiro galego de Oia.

O lugar de Granja deverá talvez o seu povoamento àqueles frades, pois Granja pertenceu ao mosteiro de Oia, era uma organização típica dos cistercienses, eles igualmente responsáveis pela introdução do próprio termo. O Marquês de Pombal arrebatou-lhes o padroado, transitando este para a Mitra Primaz, uma vez que as terras do Alto Minho deixaram de pertencer à diocese galega de Tui. Aquela doação teria sido realizada por Dona Teresa, grande admiradora da ordem de Cister, ou também através de D. Paio Guterres, senhor da Silva (S. Julião), ao qual a mãe do primeiro rei teria doado, em vida dele, a igreja de S. Paio de Mozelos, vizinha desta, ficando determinando que, após a sua morte, passasse para os mosteiros de Oia e Ganfei. Segundo referem as Inquirições de 1258: “ ... a reyna D.Teresa deu esta devandita ecclesia a Dom Pelagio Goterriz in sua vida e depós morte (...) que a desse a Santa Matia d'Oya ... ”

Referência, ainda, para as sepulturas antropomórficas escavadas na rocha, no adro da igreja. No mesmo local os denominados três ‘Fojos’, segundo consta, elementos da antiga igreja, são estruturas graníticas ricamente trabalhadas com motivos antropomórficos e vegetais.

O Forte de São Jorge, construído em 1657, é uma estrutura abaluartada térrea, de planta quadrangular. Esteve ligado às lutas da Guerra da Restauração.

A.14. Taião

Encravada nas fraldas da serra, Taião tem uma vivência muito grande ligada à pastorícia. O rosmaninho, a carqueja, o tojo bravo e outras plantas endógenas são as principais obreiras do famoso cabrito e anho da serra bem como do conceituado mel serrano.

Conhecida como a terra onde está sempre sol oferece ao visitante uma aldeia típica do Minho com o velho casario em pedra tosca, os rebanhos a pastar na montanha as vistas do Alto dos Pedrosos e do

Alto de S. Lourenço. Os mais aventureiros poderão avançar para as minas de volfrâmio de Chão de Virialho, agora desactivadas e que são uma jóia da arqueologia industrial.

Em Taião podemos, ainda, encontrar um grande aglomerado de moinhos no ribeiro da Felgueira e gravuras rupestres na parte superior da freguesia.

Em Taião de Baixo, no sítio do Outeiro, temos o Relógio de Sol junto a um velho espigueiro e a um sarcófago escavado na rocha. O velho relógio regulava a saída do gado para o monte, da distribuição das águas, das missas, etc., através de um vizinho que soprava num corno e dava as horas do corno. Uma marca do espírito comunitário.

O Museu Rural a funcionar na antiga residência paroquial é um mostruário da vida e vivências deste povo serrano.

A.15. Valença

A povoação foi fundamental na Idade Média. As peregrinações a Santiago de Compostela tinham por ponto de passagem obrigatório o Cais de Valença. A própria rainha Santa Isabel transpôs o rio neste ponto, em 1325. A importância desta passagem no rio está destacada num documento do século XIV (1385), intitulado 'Stormento dos navios', e onde se regulamentam as passagens de barca de e para Valença.

Valença deve, no entanto, a sua importância histórica sobretudo a condicionantes de ordem militar. Baluarte defensivo, bastião da nossa nacionalidade, inúmeras vezes assediada pelo vizinho espanhol, a praça forte valenciana desempenhou um papel decisivo, ao longo dos séculos na defesa da integridade territorial. A fortaleza de Valença, tal como a conhecemos hoje, foi construída no século XVIII, inspirada no sistema abaluartado de Vauban.

Do século XVIII há referência ao Convento de Santa Clara dos Franciscanos, fundado por Fernão Caramena, tendo sido Leonor Caramena, a sua filha, a sua primeira abadessa.

Além das suas vetustas muralhas, onde é ainda possível encontrar sinais das suas remotas origens, até ao longo dos séculos XIII, existem outros documentos da ancestralidade valenciana, da sua evolução ao longo dos tempos e do seu protagonismo histórico. São seguramente os casos do cruzeiro, junto à Igreja de Santo Estêvão, ou da Fonte da Vila, mas também de casa senhoriais, como a n.º 72 da Rua Direita, a Casa do Eirado, de feição quatrocentista, e a Casa do Poço.

A.16. Verdoejo

A toponímia desta freguesia e a arqueologia das imediações, por exemplo as referências de carácter arqueológico na carta afonsina do couto ao Mosteiro de Sanfins, mostram que o povoamento do território é muito antigo. Verdoejo, de origem anterior ao século XII, deriva do termo 'verde', mais propriamente de 'verde - vejo'. Mas são mais os exemplos: assim, em Ermegil (tem-se um genitivo muito usado antes da nossa nacionalidade – “ Erme(ne)gildi, ‘ villa ’ de Erme(ne)gildus, Hermenegildus tudae et Portucale comes ” (foi avô de S. Rosendo). Outro topónimo obviamente ancestral é Renda, talvez por Renda de Rande, " Mandi ‘ villa ’ de Randus ", o qual poderá ainda provir do termo latino raneta (de rana, a rã). Igualmente são muito antigos: Bouço Grande e Bouço Pequeno, Fonte da Vila, Paço, Portozelo e S. Tomé (antiga devoção local).

Verdoejo foi vila medieval, perdurando ainda o seu pelourinho. Considerado imóvel de interesse público e situado junto à capela do Senhor dos Passos, no lugar de Telheira, parece uma coluna romana, muito grossa, assente sobre um pedestal de granito de dois degraus. Aqui se localizava a cabeça do couto e concelho de Sanfins, que foi extinto em 1834.

O rico património histórico da freguesia inclui, ainda, a Igreja paroquial, que data de 1691, e a torre, de 1879; o cemitério paroquial, de 1880; e o antigo cruzeiro do Adro Velho, onde se encontram também dois sarcófagos e outras pedras que faziam parte da igreja e do cemitério antigos. O Cruzeiro do Senhor da Boa Morte é uma marca da arte barroca, do século XVIII, coberto por alpendre.

Fonte: <http://www.cm-valenca.pt/freguesias.htm>, 01.08.02, 15.00 Hrs

B.

Formas e Estruturas de Povoamento

B.1. Introdução

O principal objectivo desta abordagem é desenvolver uma análise às formas e estruturas de povoamento concelhias, capazes de melhor sustentar as estratégias de desenvolvimento propostas pelo plano.

Nestas, é fundamental a consideração das especificidades locais em função das diversidades que o compõem.

A actual condição morfológica dos aglomerados, bem como o seu desenvolvimento são fortemente condicionados pela sua origem e apropriação ao longo dos anos. Os factores de mudança de que são exemplo a introdução de espaços equipamentais, factores de produção e o surgimento de novas acessibilidades, num contexto de progressivo desenvolvimento regional e nacional, promovem diferentes formas de interacção e exigências mútuas de adaptação, não só nas vivências humanas, mas também nas 'formas' do povoamento que de uma condição marcadamente rural se transforma progressivamente numa condição urbana.

Há portanto, uma dialéctica homem - natureza (natural / construído) que conta uma história - a história do lugar, essencial à nossa identidade e que importa valorizar.

A percepção desta relação ganha maior importância quando confrontada com o actual contexto de planeamento do território, onde o factor tempo e incerteza lhe estão inerentes, impondo cada vez mais a percepção (interpretação) e salvaguarda daqueles que são os valores imutáveis: os da memória e cultura colectiva.

O melhor conhecimento desta realidade permitirá no âmbito do Plano Director, propor medidas de desenvolvimento que simultaneamente respeite valorizando os valores de intervenção locais num contexto cada vez mais global.

Com o conhecimento da estrutura urbana do concelho e tipos de povoamento, os seus factores de dinâmicas e desenvolvimento, permitirá ainda construir um modelo de estruturação que para além de equacionar as actuais condições de desenvolvimento concelhio, permita perspectivar as suas condições de transformação futuras.

B.2. Arão



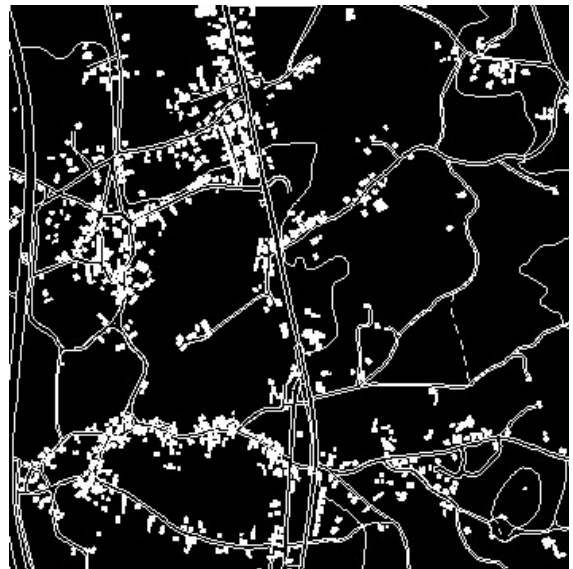
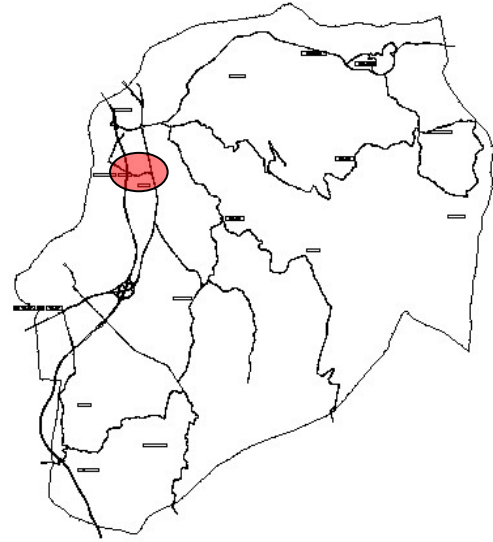
Localiza-se a Sul de Valença, entre a IP1 e a estrada Nacional 13. Trata-se de um aglomerado que apresenta características simultaneamente do tipo linear contínuo, (porque a ocupação urbana, numa primeira fase estrutura-se ao longo das vias) e do tipo aglomeração dispersa (porque apresenta claramente características de quarteirões, ainda que fragmentados, que se tendem a agrupar, formando uma malha mais densa garantindo um acesso, mais ou menos espontâneo, às restantes parcelas territoriais).

Este caso constitui um processo de gradual urbanização, onde podemos encontrar quarteirões orgânicos com parcelas agrícolas que não foram significativamente alteradas e que prevalecem perante as construções.

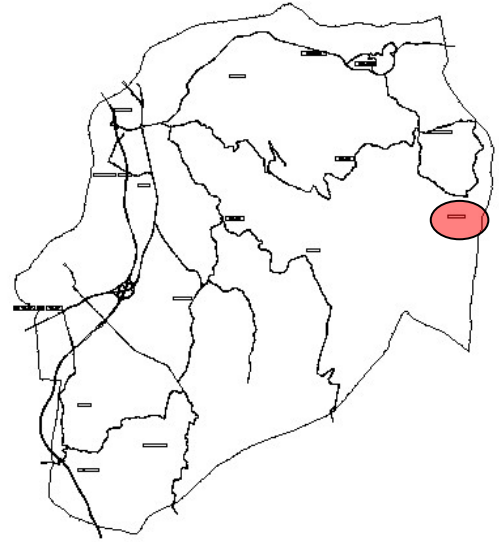
Neste cenário linear, encontramos uma zona mais densa gerada pelo factor dinamizador da malha - o cruzamento de duas pequenas vias. Esta situação corresponde certamente a processos antigos de consolidação da ocupação junto à Igreja ou Capelas locais, e que significa uma procura de maior acessibilidade sobre a sua área de influência.

Estas formas de nucleação encontram-se normalmente associadas a zonas de povoamento linear como é o caso, sendo que uma das características deste tipo de povoamento, inicialmente linear, é evidenciar esta pequena nucleação que pode vir a tornar-se significativa, favorecendo uma densidade de ocupação mais elevada que apresenta características mais urbanas; Na verdade, a malha é qualitativamente diferente em alguns pontos, correspondendo a lugares mais centrais e qualificados em termos urbanos; Esta diferenciação reflecte-se nas praças e largos que organizam esses locais centrais do aglomerado.

Basicamente, podem-se identificar duas formas de crescimento urbano a que correspondem formas distintas de organização da ocupação: o crescimento linear e o crescimento por quarteirões. A tendência será à partida, a ocupação gradual dos caminhos rurais envolventes ao núcleo do aglomerado o preenchimento de espaços vazios, e da extensão da ocupação ao longo das vias de maior acessibilidade, embora não adquira nunca o carácter extensivo observado nas estruturas lineares, formando a longo prazo quarteirões de



B.3. Boivão



Localiza-se a nascente de Valença, no extremo do concelho, e é assegurada pela estrada Municipal 506.

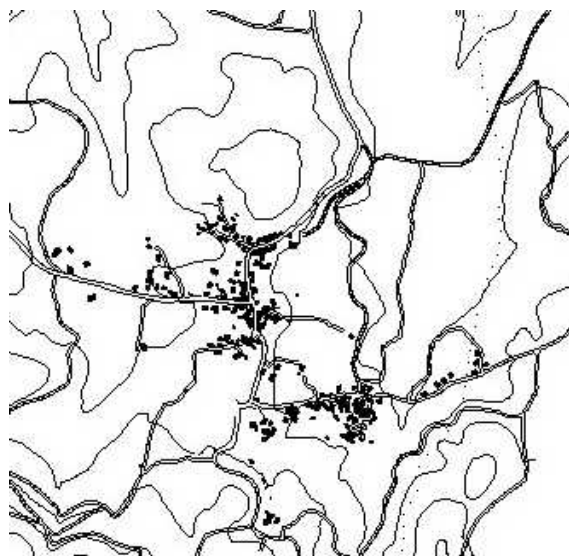
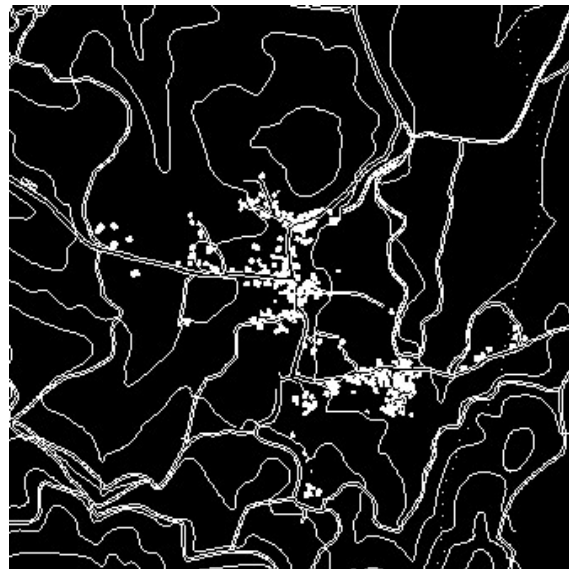
Segue o modelo do povoamento linear com a ocupação preferencial da via estruturante; a ocupação desenvolve-se de forma sistemática ao longo das vias principais.

Em alguns pontos deste percurso linear, o crescimento tende de uma forma mais concentrada, condicionada pela existência de um pequeno centro onde poderá estar implantada a Igreja Matriz.

A ocupação, organizada linearmente pela via principal, é dinamizada pela existência de um pequeno largo que contempla outras actividades mais urbanas, onde nasce um tipo de núcleo, caracterizado por uma malha urbana mais contida e densificada.

A tendência mais imediata de ocupação futura, aponta no sentido da ocupação dos espaços vazios que existem ao longo da via principal, reforçando o modelo e conferindo-lhe a longo prazo um carácter de estrada mais urbana.

O pequeno núcleo que se observa tende a agrupar-se formando uma mancha aproximada do tipo aglomeração concentrada.



B.4. Cerdal

Trata-se de um aglomerado já consolidado, com uma malha urbana contida mas não muito densificada. Localiza-se a sudeste de Valença, e é atravessada simultaneamente pela estrada Municipal 511 e pelo caminho Municipal 1056.

Estas duas vias cruzam-se, dando origem a pequenos alargamentos onde se localizam o comércio e serviços existentes na zona, ou seja, actividades apoiadas na lógica da localização, garantida pela maior acessibilidade de um cruzamento.

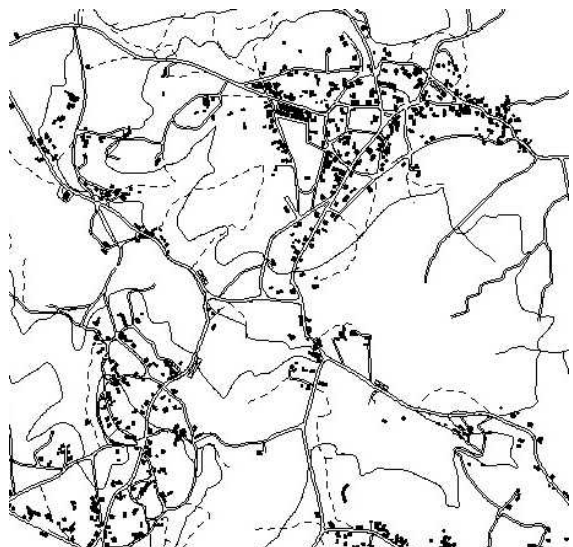
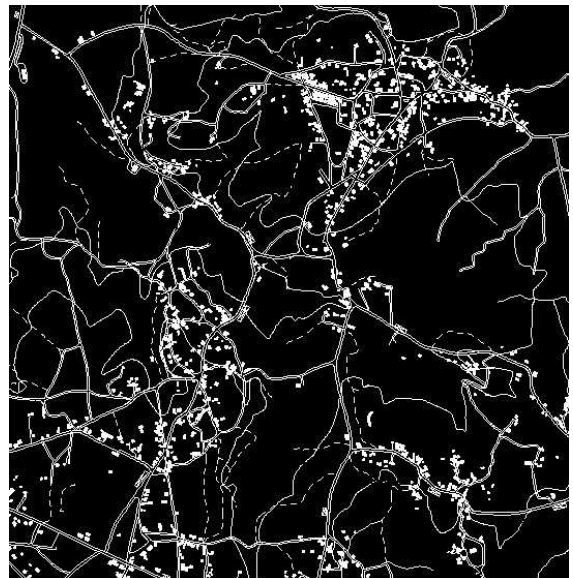
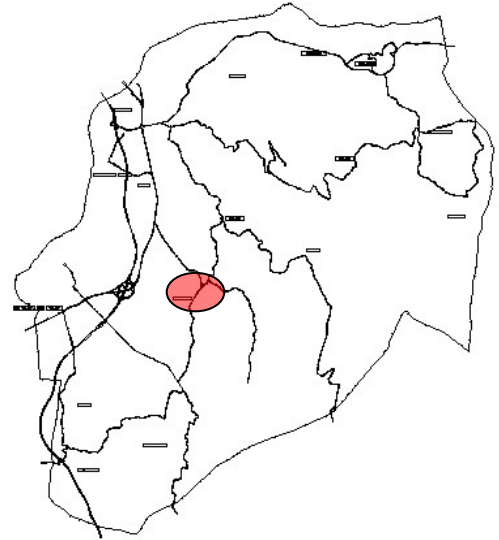
O cruzamento torna-se factor dinamizador da malha mais densa formada por pequenos quarteirões. É provável que estas situações correspondam a processos antigos de consolidação da ocupação junto à Igreja ou Capelas locais, cuja implantação nestas condições pode significar uma procura de maior acessibilidade sobre a sua área de influência.

A ocupação tem como suporte fundamental a rede pré existente, embora se verifique claramente a abertura de novos arruamentos para garantir os acessos às parcelas existentes ou entretanto construídas.

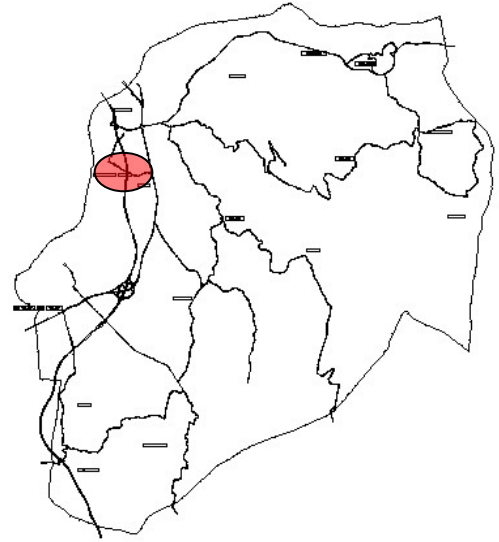
A forma urbana é relativamente contida e densa, apresentando transformações que não alteram profundamente a sua estrutura, o que talvez se deva ao facto dos tecidos dos aglomerados serem antigos e portanto com características urbanas mais marcadas que as do povoamento linear. No entanto, a forma urbana dos aglomerados apresenta variações ao nível da malha que resultam fundamentalmente do processo de crescimento mais recente, ou a circunstâncias particulares do sítio.

Embora este tipo de povoamento, seja ele próprio uma forma de nucleação, podem-se referir situações urbanas mais nucleadas dentro do aglomerado.

Esta diferenciação reflecte-se na maior diversidade de usos e tipologias edificadas, e na maior qualidade de espaços públicos. As praças e largos que organizam esses locais centrais do aglomerado, apresentam uma forma mais ordenada e integrada na malha, distinta do carácter residual dos alargamentos do povoamento linear.



B.5. Cristelo



Cristelo é provavelmente a freguesia mais próxima de Valença. Desenvolve-se principalmente ao longo da estrada Municipal 510 que é a mais importante ligação do aglomerado à IP1. Esta freguesia beneficia ainda da sua posição privilegiada pela proximidade do rio Minho.

Segue o modelo do povoamento linear com a ocupação das vias (estruturante e perpendiculares a esta), ainda que em alguns pontos, de uma forma bastante dispersa e descontínua.

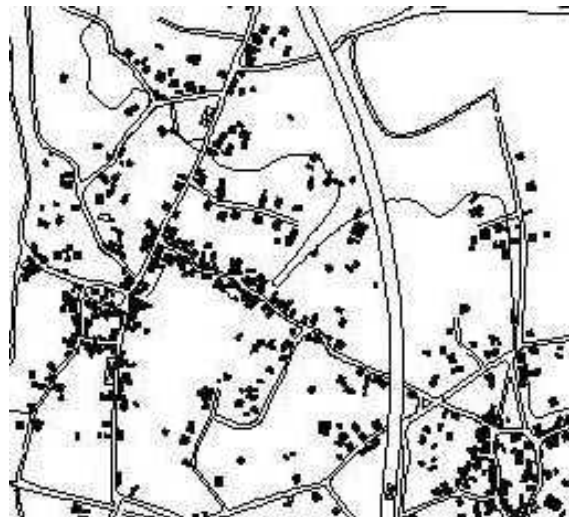
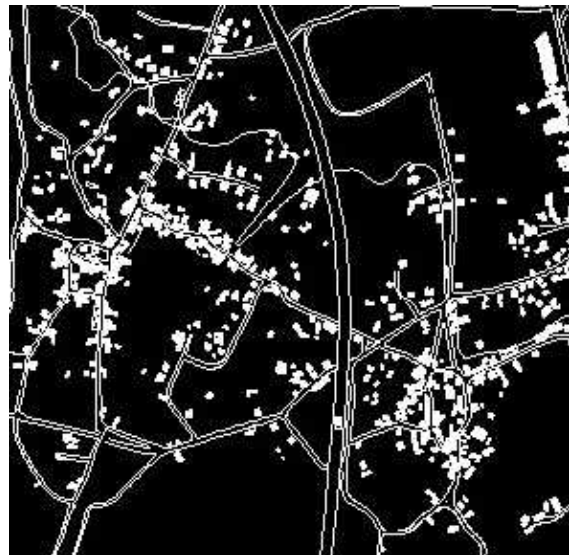
Neste caso, não se pode falar ainda de um largo residual com fortes características para adquirir a devida importância na organização da estrutura do povoamento, constituindo o ponto de maior dinâmica e qualidade urbana, contudo, esta estrutura simples tende a ser mais complexa, através da futura ocupação dos caminhos rurais.

A ocupação desenvolve-se, tendo como suporte a estrada principal de acesso e os caminhos rurais perpendiculares à mesma. Estes novos arruamentos são projectados, para garantir o acesso às parcelas existentes, o que demonstra claramente que a tendência será a de formar uma malha com um carácter mais nucleado.

Contudo, até ao momento, a ocupação é organizada linearmente, e ainda são dificilmente identificáveis núcleos com um carácter forte. Este facto justifica-se, todavia por existirem em aglomerados próximos, pequenas concentrações de equipamentos e serviços de apoio.

Uma das características deste tipo de povoamento, disperso linearmente, é exactamente não apresentar uma malha urbana contida e densificada, que evidencie fenómenos de nucleação significativos.

Tal como na generalidade das zonas de ocupação linear “disperso”, o crescimento terá tendência para se processar através da ocupação mais ou menos contínua, de toda a rede de caminhos, dando origem ao aparecimento de quarteirões rurais de dimensões variáveis.



B.6. Fontoura

Está situada no extremo sul do concelho, numa zona de declives mais acentuados.

O seu pequeno centro tem origem no cruzamento de duas vias importantes: a estrada Nacional 201 e a estrada Municipal 512.

Segue o modelo do povoamento linear ainda que de uma forma bastante dispersa e descontínua.

As condicionantes físicas do território estão sem dúvida na base desta forma de ocupação bastante fragmentada e dispersa. As vias obedecem claramente a um desenho extremamente orgânico sem uma regra mais forte.

O povoamento é relativamente escasso, formando pequenos núcleos afastados, ocupando os terrenos entre os vales, libertando para uso agrícola os terrenos próximos das linhas de água. Esta forma de ocupação contribui para uma imagem geral pouco clara e coerente.

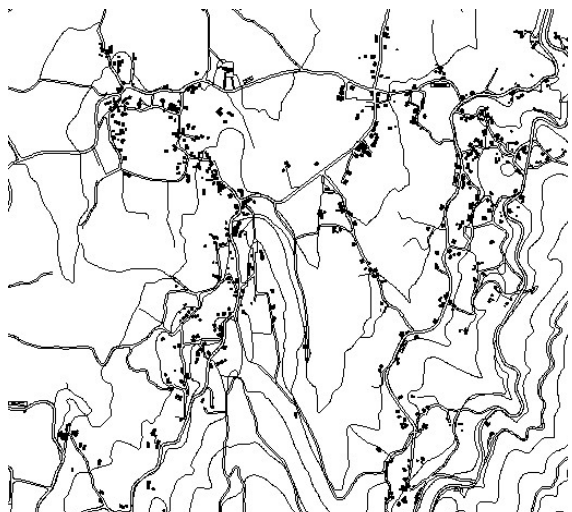
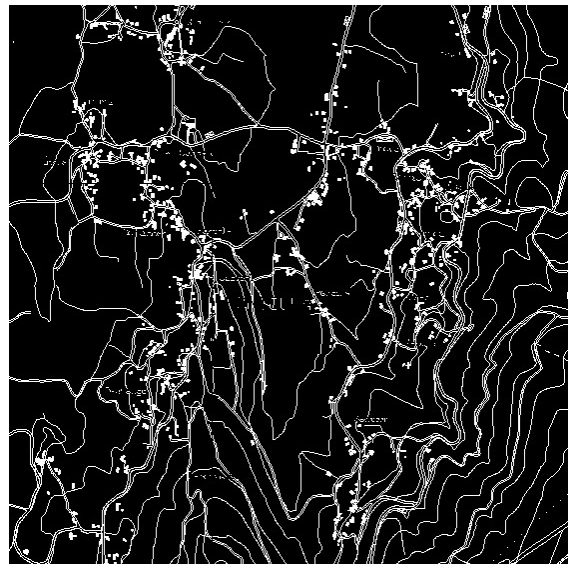
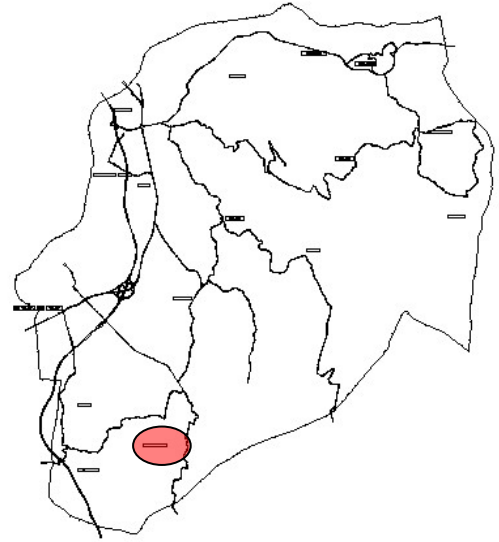
A via principal de acesso à freguesia não foi determinante no modo de desenvolvimento do aglomerado, apenas introduziu alterações pontuais; a influência da principal via de acesso, só se faz sentir quando atravessa o conjunto, e motiva para um pequeno aumento da densidade de malha na sua proximidade.

A malha é qualitativamente diferente em alguns pontos, correspondendo a lugares mais centrais e qualificados, e outros menos claros e concisos.

Nas zonas mais consolidadas do aglomerado a malha é formada por pequenos quarteirões de pequena dimensão mas densamente construídos. As tipologias de ocupação são marcadamente rurais, e a ocupação ainda integra os terrenos agrícolas

Neste caso, o crescimento processa-se através da ocupação dos quarteirões rurais que envolvem os pequenos núcleos. No entanto, contrariamente ao que sucede no povoamento linear disperso, aqui a futura nucleação é facilmente detectável, que possivelmente se instalará com mais força no cruzamento das duas vias.

Tal como na generalidade das zonas de ocupação linear “disperso”, o crescimento terá tendência para se processar através da ocupação mais ou menos contínua, de toda a rede de caminhos, dando origem ao aparecimento de quarteirões rurais de dimensões variáveis.



B.7. Friestas

Localiza-se no extremo nordeste de Valença, e é assegurada pela proximidade da estrada nacional 101.

Trata-se de um aglomerado que apresenta características simultaneamente do tipo linear disperso, com a ocupação das construções apoiada no traçado das vias ainda que de uma forma descontínua, e do tipo aglomeração dispersa (porque apresenta claramente a imagem de quarteirões rurais que se tendem a agrupar, formando uma malha mais densa).

Esta malha apresenta um desenho orgânico, sinuoso, definindo contudo uma rede coerente de cheios e vazios. Trata-se de uma forma de nucleação que decorre do povoamento linear, onde a intersecção de vias disponibiliza um espaço/largo onde se implanta um equipamento de culto religioso, que vai gerar o pequeno centro, onde a densidade de ocupação é mais elevada.

Nas zonas mais consolidadas do aglomerado a malha é formada por pequenos quarteirões de pequena dimensão mas densamente construídos. As tipologias de ocupação são marcadamente rurais, e a ocupação ainda integra os terrenos agrícolas.

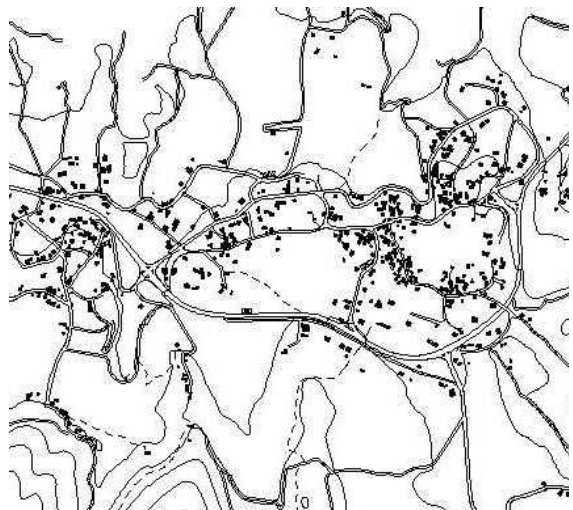
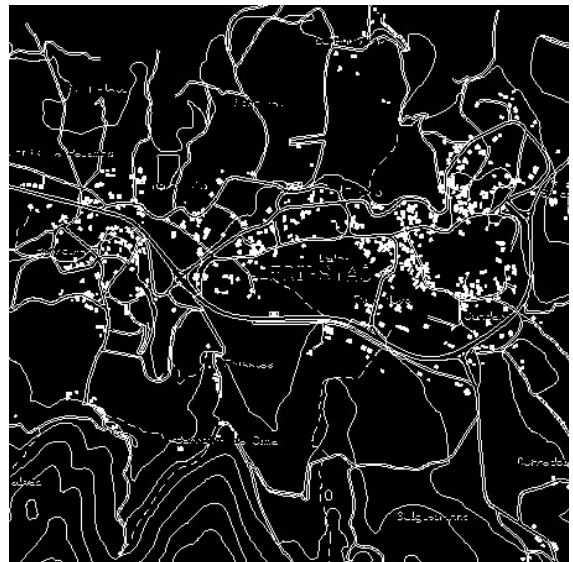
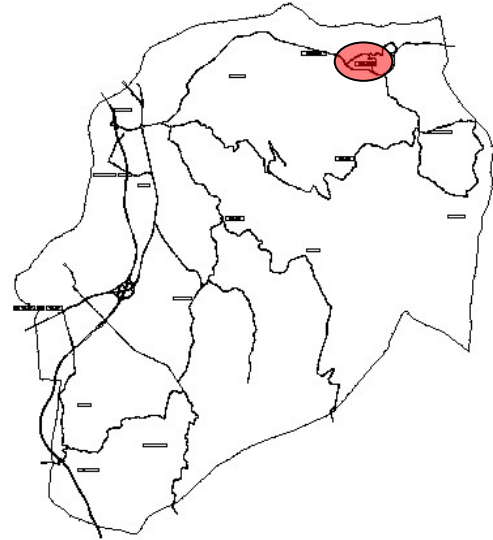
A ocupação gradual dos caminhos rurais envolventes aos núcleos, forma quarteirões de maior perímetro, e é provável que estes absorvam a maior parte das novas construções.

Embora este tipo de povoamento seja ele próprio uma forma de nucleação, pode-se referir situações mais nucleadas dentro do aglomerado.

A malha é qualitativamente diferente em alguns pontos, correspondendo a lugares mais centrais e qualificados. Em termos urbanos esta diferenciação reflecte-se na maior diversidade de usos e tipologias. As praças e largos que organizam estes locais centrais do aglomerado, apresentam uma forma mais ordenada e integrada na malha, distinta do carácter residual do povoamento linear.

Estamos perante um aglomerado que aparentemente está consolidado, contudo encontra-se expectante e sem grandes compromissos.

A tendência será obviamente a ocupação gradual dos caminhos rurais envolventes ao núcleo formando a longo prazo quarteirões mais consistentes, de maior perímetro; contudo, estes quarteirões, ainda que absorvam a maior parte das novas construções, nunca se aproximarão dos quarteirões mais urbanos das áreas consolidadas.



B.8. Gandra

Situa-se nas proximidades de Valença, e é assegurada principalmente pela estrada Municipal 509.

O seu pequeno centro é escassamente construído, mas define claramente um núcleo que envolve um largo de dimensões razoáveis.

De desenho orgânico sem pressupostos de ordem e alinhamento geométricos, a malha possui uma forma radial gerada pelo pequeno alargamento que está implantado no ponto de intersecção da estrada municipal 509 com a 511. Segue o modelo do povoamento nucleado ainda que de uma forma bastante dispersa.

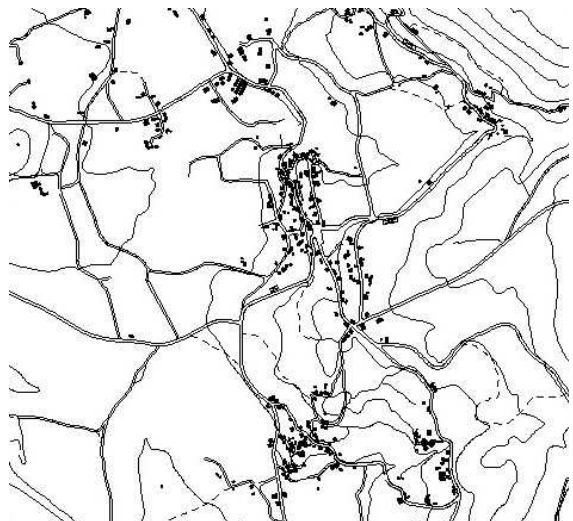
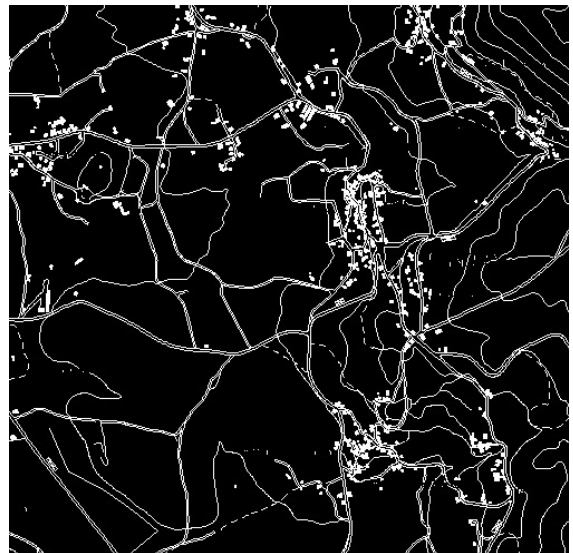
O povoamento é relativamente escasso, formando dois pequenos núcleos, um mais forte que outro. As tipologias de ocupação são marcadamente rurais, e a ocupação ainda integra os terrenos agrícolas.

Ao contrario das estruturas lineares de ocupação em que a própria estrada gera a malha urbana, nestas formas mais concentradas as vias apenas introduzem alterações pontuais.

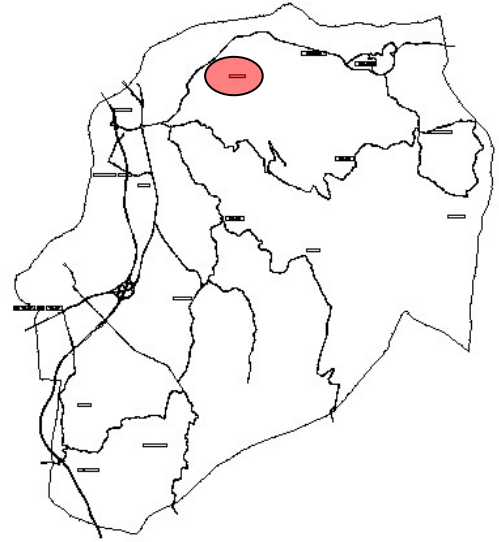
Neste caso a principal via de acesso, não é o principal estruturador da ocupação, a sua influencia só se faz sentir quando atravessa o aglomerado, motivando então uma maior densidade de malha na sua proximidade.

Normalmente, estes aglomerados inserem-se em territórios caracterizados por terrenos baixos, vales relativamente pronunciados, que lhe vão impor uma lógica distinta, condicionando a ocupação na base de formas mais contidas.

Tal como no povoamento linear disperso, o crescimento processa-se através da ocupação dos quarteirões rurais que envolvem o núcleo. No entanto, contrariamente ao que sucede no povoamento linear disperso, aqui a nucleação é facilmente detectável. Dada a proximidade à cidade de Valença, vários são os factores que concorrem para fomentar o seu desenvolvimento, contudo tendencialmente, o aglomerado crescerá com a colmatção dos perímetros dos quarteirões existentes.



B.9. Ganfei



Localiza-se a norte de Valença, e é assegurada pela proximidade da estrada nacional 101.

Com um tecido urbano aparentemente consolidado e bastante equilibrado, este aglomerado apresenta características simultaneamente do tipo linear disperso, com a ocupação das construções apoiada no traçado das vias, recentemente cada vez mais apoiada na estrada nacional, e do tipo aglomeração dispersa (porque apresenta claramente a imagem de um núcleo formado por quarteirões rurais que se tendem a agrupar, formando uma malha mais densa).

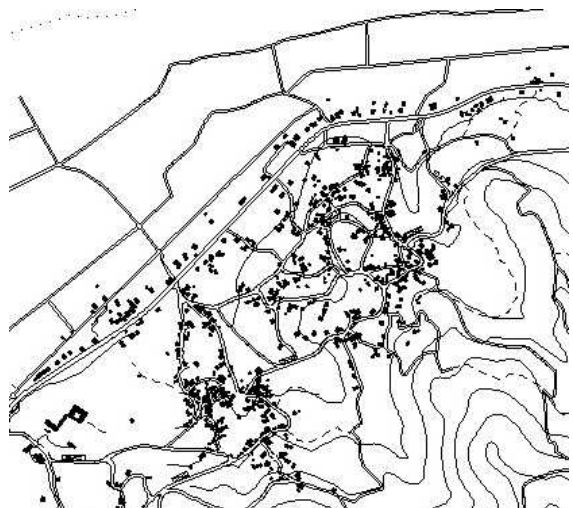
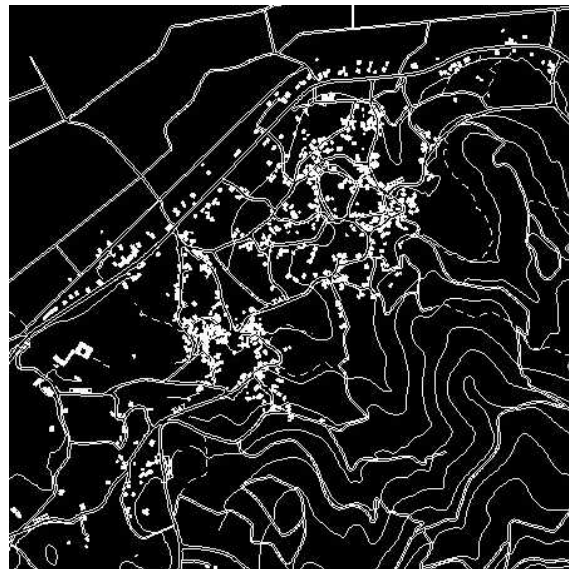
Esta malha de desenho orgânico e um pouco sinuoso, define uma rede coerente de cheios e vazios, do construído e do não construído.

Nas zonas mais consolidadas do aglomerado a malha é formada por pequenos quarteirões de pequena dimensão mas densamente construídos. As tipologias de ocupação são marcadamente rurais, e a ocupação ainda integra alguns terrenos agrícolas.

A ocupação gradual dos caminhos rurais envolventes aos núcleos, forma quarteirões de maior perímetro, e é provável que estes absorvam a maior parte das novas construções.

Este tipo de povoamento é ele próprio uma forma de nucleação, com uma malha qualitativamente diferente em alguns pontos, correspondendo a lugares mais centrais e qualificados. Em termos urbanos esta diferenciação reflecte-se na maior diversidade de usos e tipologias. As praças e largos que organizam estes locais centrais do aglomerado, apresentam uma forma mais ordenada e integrada na malha, distinta do carácter residual do povoamento linear.

A tendência será obviamente a ocupação gradual dos caminhos rurais envolventes ao núcleo formando a longo prazo quarteirões mais consistentes, de maior perímetro.



B.10. Gondomil

Situa-se a poente de Valença, no extremo do concelho, e é assegurada pela estrada Municipal 508.

De desenho orgânico sem pressupostos de ordem e alinhamento geométricos, a malha estrutura-se ao longo da estrada municipal, de acordo com o tipo de povoamento linear descontínuo, para depois se aproximar, na leitura do todo, do modelo do povoamento nucleado ainda que de uma forma bastante dispersa.

A via principal de acesso à freguesia, foi determinante no modo de desenvolvimento do aglomerado, ao introduzir alterações pontuais, fazendo-se sentir, quando atravessa o conjunto e motiva para um pequeno aumento da densidade de malha na sua proximidade.

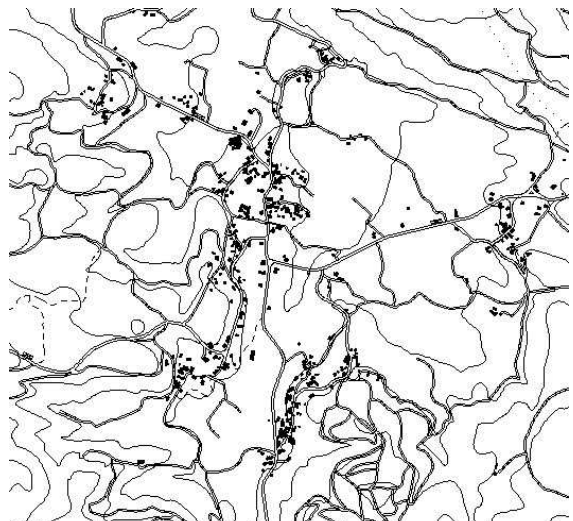
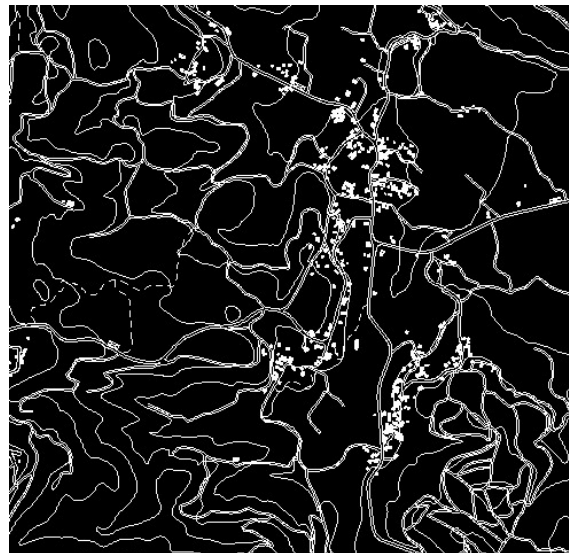
A malha urbana é relativamente contida e densa num determinado momento, para depois se estender dispersa apresentando um tecido pouco consolidado, equilibrado e aparentemente definido.

A malha é qualitativamente diferente em alguns pontos, correspondendo a lugares mais centrais e qualificados, e outros menos claros e concisos. É composto sobretudo por quarteirões rurais que vão ocupando os caminhos rurais envolventes, formando quarteirões de maior perímetro, com um interior agrícola e escassamente ocupados. Nas zonas mais consolidadas do aglomerado a malha é formada por pequenos quarteirões de pequena dimensão mas densamente construídos. As tipologias de ocupação são marcadamente rurais, e a ocupação ainda integra os terrenos agrícolas.

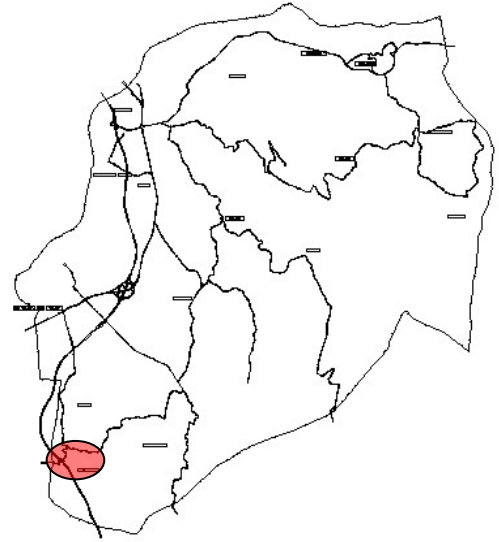
Como já foi referido, a ocupação gradual dos caminhos rurais envolventes aos núcleos forma quarteirões de maior perímetro, e é provável que estes absorvam a maior parte das novas construções.

Neste caso, o crescimento processa-se através da ocupação dos quarteirões rurais que envolvem os pequenos núcleos. No entanto, contrariamente ao que sucede no povoamento linear disperso, aqui a futura nucleação é facilmente detectável, que possivelmente se instalará com mais força no cruzamento das duas vias.

Tal como na generalidade das zonas de ocupação linear “disperso”, o crescimento terá tendência para se processar através da ocupação mais ou menos contínua, de toda a rede de caminhos, dando origem ao aparecimento de quarteirões rurais de dimensões variáveis.



B.11. S. Julião



S. Julião apresenta-se a sul de Valença, no extremo do concelho. Desenvolve-se de forma linear descontínua, tendo como principal suporte as estradas municipais. Esta freguesia beneficia ainda da sua posição privilegiada pela proximidade da IP1.

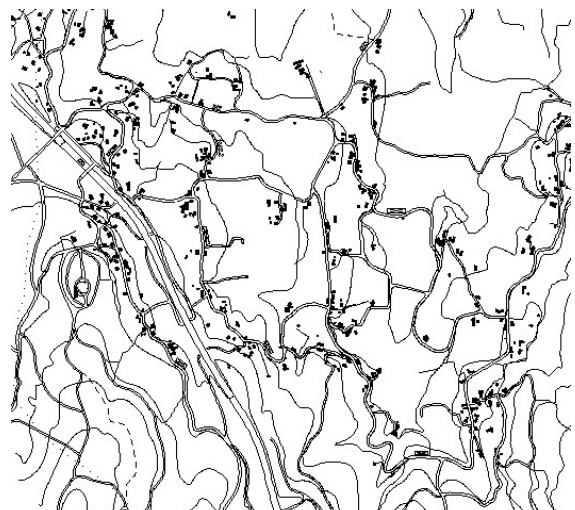
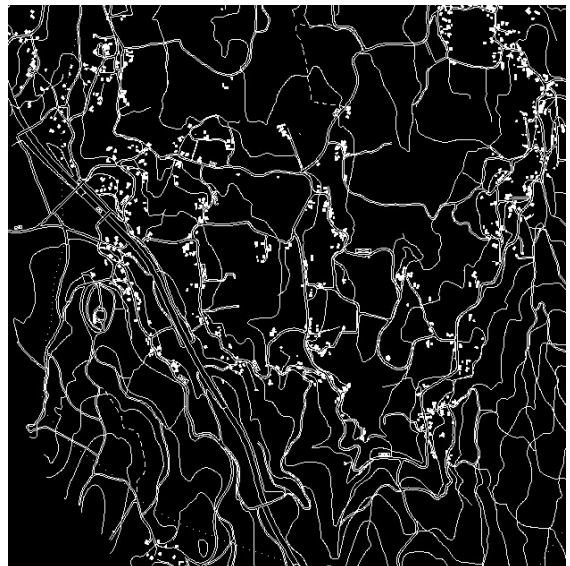
Como já foi referido, segue o modelo do povoamento linear com a ocupação das vias (municipais e caminhos), ainda que de uma forma bastante dispersa e descontínua.

Neste caso, não se pode falar ainda de um largo residual com fortes características para adquirir a devida importância na organização da estrutura do povoamento, constituindo o ponto de maior dinâmica e qualidade urbana, contudo, esta estrutura simples tende a ser mais complexa, através da futura ocupação dos caminhos rurais.

Os novos arruamentos que se começam a desenhar são projectados, para garantir o acesso às parcelas existentes. Contudo a própria rede de estradas não é suficientemente sólida para possibilitar o aparecimento de um centro e consequentemente uma malha com um carácter mais nucleado. Até ao momento, a ocupação é organizada linearmente, e ainda são dificilmente identificáveis quaisquer indícios dos elementos construídos se virem a organizar de uma outra forma. Este facto justifica-se, todavia por existirem em aglomerados próximos, pequenas concentrações de equipamentos e serviços de apoio.

Uma das características deste tipo de povoamento, disperso linearmente, é exactamente não apresentar uma malha urbana contida e densificada, que evidencie fenómenos de nucleação significativos.

Tal como na generalidade das zonas de ocupação linear “disperso”, o crescimento terá tendência para se processar através da ocupação mais ou menos contínua, de toda a rede de caminhos, dando origem ao aparecimento de quarteirões rurais de dimensões variáveis.



B.12. S. Pedro da Torre

Trata-se de um aglomerado já consolidado, com uma malha urbana contida, densa, característica de um tipo de povoamento que se desenvolveu numa primeira fase de forma linear com a ocupação agarrada às vias estruturantes, para depois estabelecer-se como forte nucleação. Localiza-se a sul de Valença, e é atravessada simultaneamente pela IC1, pela estrada Nacional 201. É ainda assegurada pelo caminho de ferro e também beneficia da proximidade do Rio Minho.

Só recentemente é que se começa a verificar uma maior ocupação junto ao cruzamento da IC1 com a EN 201. Esta última parte da estação do caminho de ferro e prolonga-se até outra freguesia, atravessando perpendicularmente a IC1 e a IP1. De resto a ocupação tem-se efectuado muito antes do aparecimento destas importantes vias, apoiada continuamente ao longo das vias que se desenharam e organizam um conjunto com um carácter mais urbano.

Observa-se claramente um pequeno alargamento onde se localiza a Igreja, e nas suas proximidades o comércio e serviços existentes na zona, ou seja, actividades apoiadas na lógica da localização.

É provável que estas situações correspondam a processos antigos de consolidação da ocupação junto à Igreja ou Capelas locais, cuja implantação nestas condições pode significar uma procura de maior acessibilidade sobre a sua área de influência.

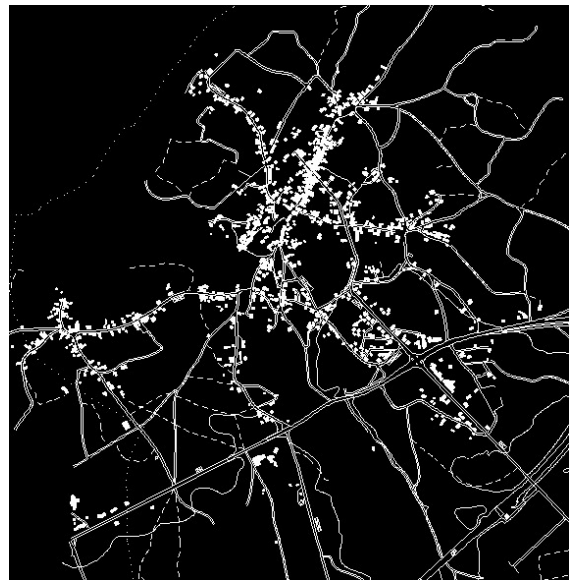
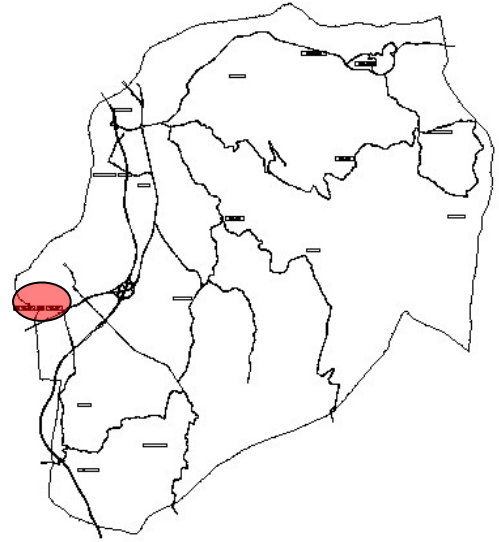
A nucleação deriva exactamente da importância que determinados cruzamentos assumem na estrutura, onde se materializam largos e praças, que concentram as funções de apoio à colectividade. Estas formas de nucleação encontram-se normalmente associadas a zonas de povoamento linear concentrado, como é o caso.

A ocupação tem como suporte fundamental a rede pré existente, embora se verifique claramente a abertura de novos arruamentos para garantir os acessos às parcelas existentes ou entretanto construídas.

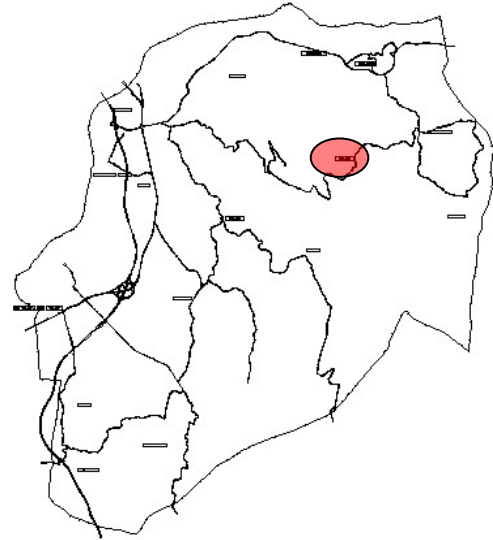
Como já foi referido, a forma urbana é relativamente contida e densa, apresentando transformações que não alteram profundamente a sua estrutura, o que talvez se deva ao facto dos tecidos dos aglomerados serem antigos e portanto com características urbanas mais marcadas. No entanto, a forma urbana dos aglomerados apresenta variações ao nível da malha que resultam fundamentalmente do processo de crescimento mais recente, ou a circunstâncias particulares do sítio.

Embora este tipo de povoamento, seja ele próprio uma forma de nucleação, podem-se referir situações urbanas mais nucleadas dentro do aglomerado. Esta diferenciação reflecte-se na maior diversidade de usos e tipologias edificadas, e na maior qualidade de espaços públicos. As praças e largos que organizam esses locais centrais do aglomerado, apresentam uma forma mais ordenada e integrada na malha, distinta do carácter residual dos alargamentos do povoamento linear.

O crescimento urbano processa-se através da ocupação sistemática das vias de maior acessibilidade, verificando-se uma crescente ocupação dos caminhos rurais envolventes ao aglomerado, processo que origina a formação de quarteirões mais alargados e menos densos que os que constituem a parte mais consolidada e antiga da cidade.



B.13. Sanfins



Sanfins localiza-se a nascente de Valença e encontra-se numa situação bastante desfavorável em termos de acessibilidade, porque não é atravessada por nenhuma estrada nacional e está isolada no centro do concelho. Contudo a estrada Municipal 508 atravessa esta freguesia, e liga Valença a Gondomil. É assegurada igualmente pela Estrada Municipal 1048 que faz a ligação á parte norte do concelho. Estas duas estradas quando se cruzam geram um pequeno aglomerado, que apesar do incentivo dado, não teve força para se desenvolver.

Parece ainda não existir quaisquer indícios do crescimento poder vir a desenvolver-se de uma forma mais concentrada, não podemos ainda falar de um largo residual com fortes características para adquirir a devida importância na organização da estrutura do povoamento.

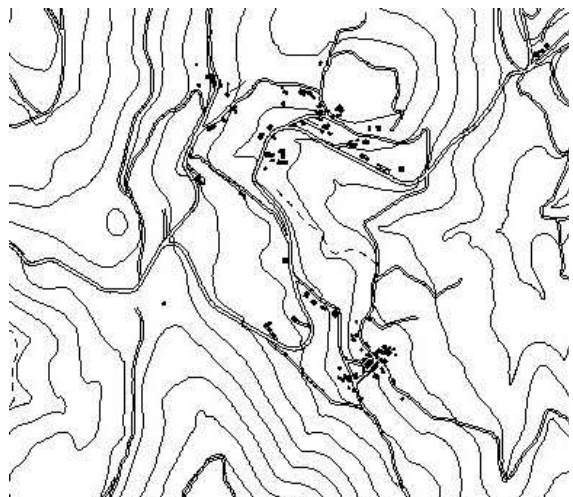
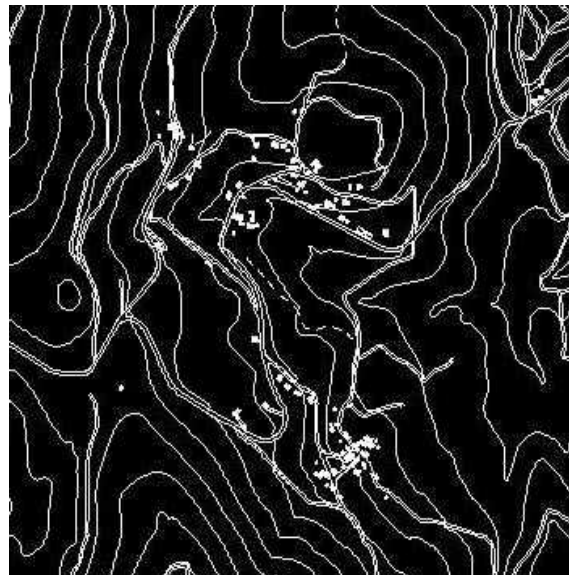
O seu desenho orgânico apoia-se sobretudo nas linhas de nível, mas a via principal de acesso á freguesia, também foi determinante no modo de desenvolvimento do aglomerado, introduzindo construções pontuais, contribuindo no seu conjunto para uma imagem pouco clara e equilibrada.

Apesar da construção ser bastante escassa, a malha urbana define-se contida e densa no momento em que as duas vias se ligam, para depois se estender dispersa, tendo como base o traçado ondulante da estrada Municipal 508.

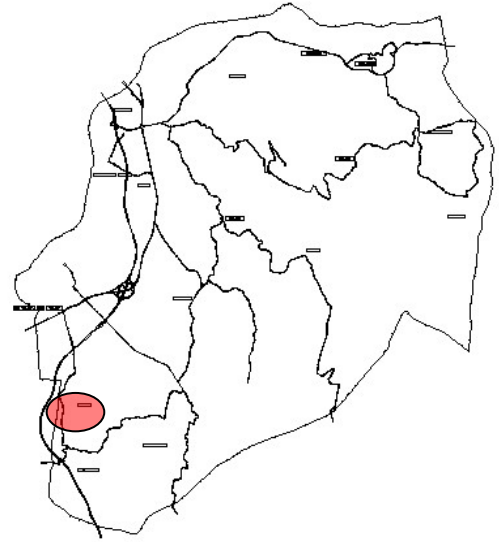
As tipologias de ocupação são marcadamente rurais, e a ocupação ainda integra os terrenos agrícolas.

Neste caso, não se pode falar da ocupação gradual dos caminhos rurais envolventes ao núcleo antigo do aglomerado, porque não existem indícios de quarteirões de maior perímetro. Também não se pode adiantar qualquer tipo de expansão, o aglomerado não é suficientemente forte, nem privilegia de nenhuma situação especial que permita que este desenvolva em qualquer sentido.

Sendo assim a tendência será para ele se manter nos limites existentes, sem grandes perspectivas de crescimento.



B.14. Silva



Está situada a sul do concelho, bastante próxima do traçado da IP1.

Segue o modelo do povoamento linear descontínuo, desenvolvendo-se com a ocupação assente nas estradas municipais, apesar de uma forma dispersa e fragmentada.

As vias obedecem claramente a um desenho extremamente orgânico, onde o povoamento é relativamente escasso, formando pequenos núcleos afastados, ocupando os terrenos entre os vales, libertando para uso agrícola os terrenos próximos das linhas de água.

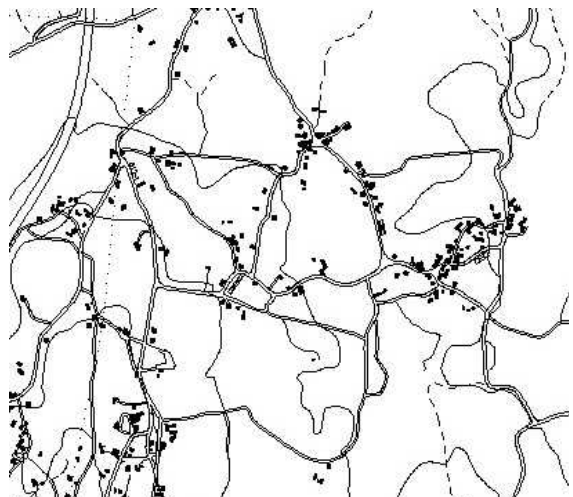
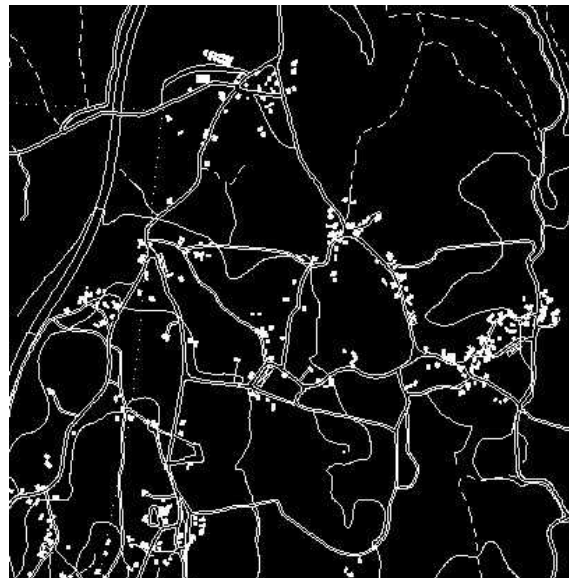
Este aglomerado define-se como uma rede mais ou menos equilibrada de relações em termos de acessibilidade, e um conjunto coerente de cheios e vazios.

A malha na sua globalidade é homogénea, não apresentando alterações significativas na leitura do seu todo, apesar de se verificarem lugares mais centrais e qualificados, e outros menos claros e concisos.

Uma das características deste tipo de povoamento, disperso linearmente, é não apresentar uma malha urbana contida e densificada, que evidencie fenómenos de nucleação significativos, contudo os dois pequenos largos existentes poderão vir a agruparem-se formando um pequeno centro, onde a densidade de ocupação poderá vir a tornar-se mais elevada apresentando características mais urbanas.

A tendência mais imediata aponta no sentido da ocupação dos espaços vazios que existem ao longo destas vias, reforçando o modelo e conferindo-lhe a longo prazo um carácter de estrada mais urbana.

Os pequenos núcleos que se observam tendem a agrupar-se e poderão vir a formar um só, aproximando-se do tipo de nucleação.



B.15. Taião

Taião localiza-se a sudeste de Valença e encontra-se numa situação bastante desfavorável em termos de acessibilidade, porque não é atravessada por nenhuma estrada nacional e está isolada no centro do concelho. Contudo a estrada Municipal 509 atravessa esta freguesia, assim como a Estrada Municipal 1050 que faz a ligação vertical da parte norte á sul do concelho.

Observamos claramente a existência de dois pequenos aglomerados ocupados linearmente de uma forma constante, em que as casas viram-se e apoiam-se na rua. Estes dois conjuntos, unidos pela estrada Municipal, foram constituindo uma malha mais densa, contudo, não são suficientemente fortes para se organizarem como um todo, capazes de gerarem num maior perímetro, uma malha mais concentrada e urbana.

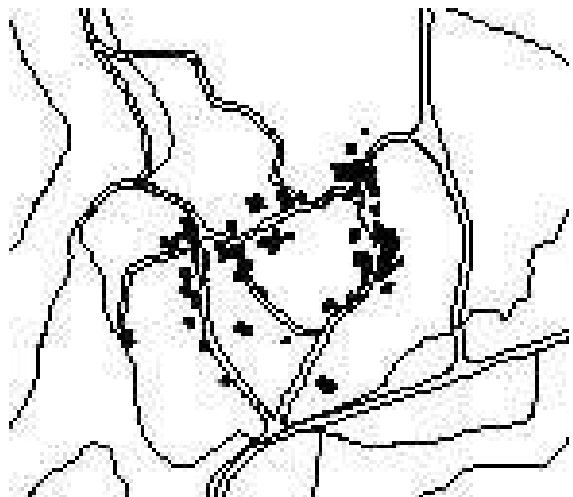
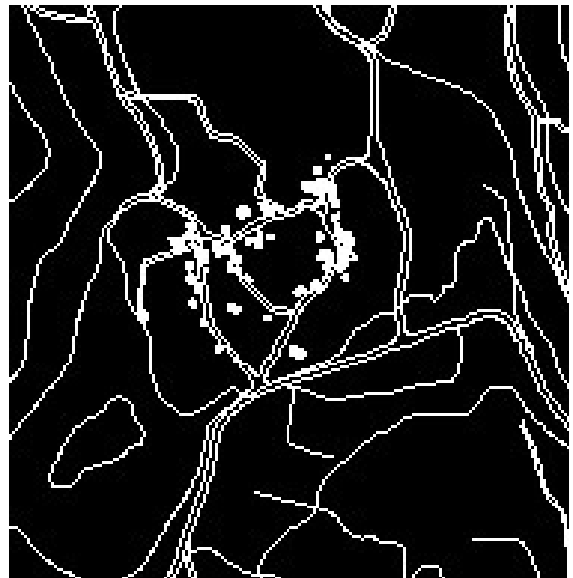
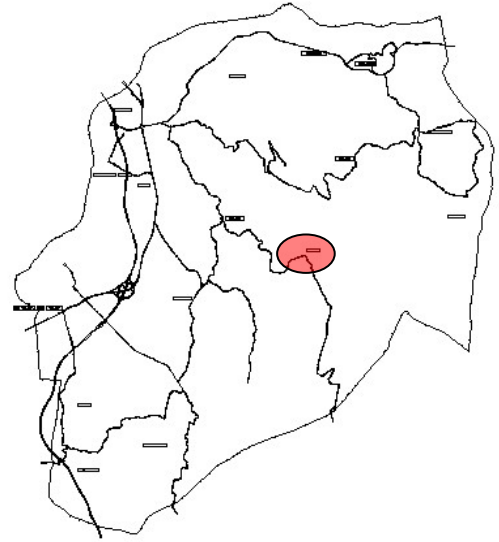
Podemos ainda falar de um espaço actualmente pobre e descaracterizado, onde está implantada a Igreja, e que possui fortes características para adquirir a devida importância na organização da estrutura do povoamento.

O seu desenho orgânico apoia-se sobretudo nas linhas de nível, e apesar da construção ser bastante escassa, a malha urbana define-se contida e densa em dois momentos.

As tipologias de ocupação são marcadamente rurais, e a ocupação ainda integra os terrenos agrícolas.

Neste caso, não se pode falar da ocupação gradual dos caminhos rurais envolventes ao núcleo antigo do aglomerado, porque não existem indícios de quarteirões de maior perímetro. Também não se pode adiantar qualquer tipo de expansão, o aglomerado não é suficientemente forte, nem privilegia de nenhuma situação especial que permita que este desenvolva em qualquer sentido.

Sendo assim a tendência será para ele se manter nos limites existentes, sem grandes perspectivas de crescimento. É pouco provável que estas duas unidades distintas se venham a “fundir” no sentido de contribuir para a leitura do conjunto como nucleado.



B.16. Valença

Valença desenvolveu-se naturalmente com a mesma particularidade das cidades que se desenvolveram junto a um elemento fluvial. Mais tarde a esta estrutura já servida pelo caminho de Ferro, vieram-se juntar duas vias extremamente importantes para continuar a apoiar o seu desenvolvimento: a IP1 e a IC1.

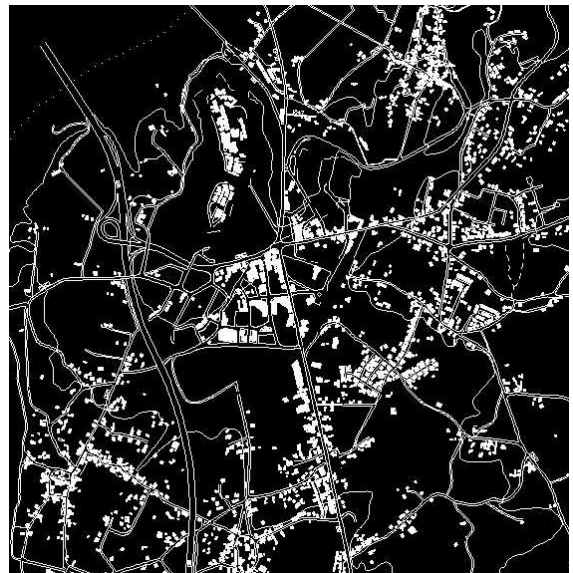
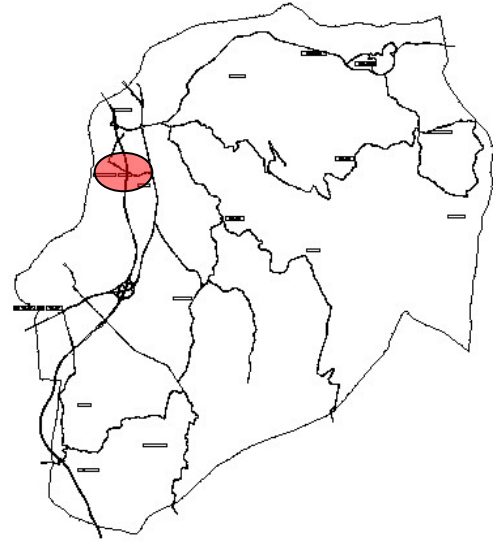
Hoje é um aglomerado já consolidado, com uma malha urbana contida, possibilitada pelo cruzamento de vias estruturadoras de ocupação, caracterizadas por uma ocupação linear, constante. Esta rede viária constituiu um pequeno centro, onde se implantou o comércio, equipamentos e serviços, ou seja, actividades apoiadas na lógica da localização, garantida pela maior acessibilidade de um cruzamento. É de realçar a introdução da IC1 que gera mais recentemente uma malha diferente com um carácter mais urbano, que a distingue claramente das outras freguesias.

Estas formas de nucleação encontram-se normalmente associadas a zonas de povoamento linear concentrado, como é o caso onde a ocupação tem como suporte fundamental a rede pré existente, embora se verifique claramente a abertura de novos arruamentos para garantir os acessos às parcelas existentes ou entretanto construídas. As estruturas lineares observadas nem sempre são contidas espacialmente, há uma dispersão no território, contudo trata-se de um disperso ordenado.

A forma urbana é relativamente contida e denso, como já foi referido, apresentando transformações que não alteram profundamente a sua estrutura, o que talvez se deva ao facto dos tecidos dos aglomerados serem antigos e portanto com características urbanas mais marcadas. No entanto, a forma urbana dos aglomerados apresenta variações ao nível da malha que resultam fundamentalmente do processo de crescimento mais recente, ou a circunstâncias particulares do sítio.

Na verdade, a malha é qualitativamente diferente em alguns pontos, correspondendo a lugares mais centrais e qualificados em termos urbanos. Esta diferenciação reflecte-se na maior diversidade de usos e tipologias edificadas, e na maior qualidade de espaços públicos. As praças e largos que organizam esses locais centrais do aglomerado, apresentam uma forma mais ordenada e integrada na malha.

A ocupação gradual dos caminhos rurais envolventes ao núcleo antigo do aglomerado, forma quarteirões de maior perímetro, mas ainda com um interior agrícola escassamente ocupado. É possível que estes quarteirões, cujo estado actual representa uma fase de crescimento do aglomerado, absorvam a maior parte das novas construções, reforçando o modelo ao torná-lo mais forte.



B.17. Verdoejo

Localiza-se a nordeste de Valença, e é atravessada pela estrada nacional 101 e ainda pelo caminho de Ferro.

Segue o mesmo tipo de povoamento das freguesias vizinhas, facto possibilitado provavelmente pelas mesmas influências.

Com um tecido urbano aparentemente consolidado e equilibrado, este aglomerado apresenta características simultaneamente do tipo linear disperso, com a ocupação das construções apoiada no traçado das vias, recentemente cada vez mais apoiada na estrada nacional, e do tipo aglomeração dispersa (porque apresenta claramente a imagem de um núcleo formado por quarteirões rurais que se tendem a agrupar, formando uma malha mais densa).

A estrada Municipal 1048 que faz a ligação às freguesias próximas, parece ser a principal via estruturadora e geradora do aglomerado, uma vez que é nela que se apoiam a maior parte das construções das vias que formam a malha. Esta malha de desenho ainda orgânico mas mais objectivo, define uma rede coerente de cheios e vazios, do construído e do não construído.

Nas zonas mais consolidadas do aglomerado a malha é formada por pequenos quarteirões de pequena dimensão mas densamente construídos. As tipologias de ocupação são marcadamente rurais, e a ocupação ainda integra alguns terrenos agrícolas.

A ocupação gradual dos caminhos rurais envolventes aos núcleos forma quarteirões de maior perímetro, e é provável que estes absorvam a maior parte das novas construções.

Este tipo de povoamento é ele próprio uma forma de nucleação, com uma malha qualitativamente diferente em alguns pontos, correspondendo a lugares mais centrais e qualificados. Em termos urbanos esta diferenciação reflecte-se na maior diversidade de usos e tipologias. As praças e largos que organizam estes locais centrais do aglomerado, apresentam uma forma mais ordenada e integrada na malha, distinta do carácter residual do povoamento linear.

A tendência será obviamente a ocupação gradual dos caminhos rurais envolventes ao núcleo formando a longo prazo quarteirões mais consistentes, de maior perímetro.

